

Inês Lourenço*

O que é a poesia hoje?

1. Um poema é sempre uma pergunta sem resposta

As verdades são um enfado / diário e comovem tantas mentes / sensatas: que ama-nhece que é noite / calor ou frio e depois da vigília adormecemos / engelhada a pele nos lugares / onde repetimos rituais herdados // Depois há as outras verdades: a das unhas / que param de crescer / e a da mortalha sem ser a / de um charro. As verdades / são sempre múltiplas / e acabam por tornar-se cansativas / na sua rede infindável. Por isso / desconfio que as verdades dão / sempre falsas respostas. Um poema / é sempre uma pergunta / sem resposta.

O poema que transcrevo pertence a um livro que publiquei em 2016, intitulado *O Jogo das Comparações*.¹ No ciclo final do volume surgem-me estes versos acerca das verdades que pressupõem inevitavelmente perguntas. Assim, a materialidade verbal do texto que se pretendia poema encaminha para a conclusão final que encima estas linhas.

O que é a poesia hoje? Como se sabe, o “hoje” provém de ter havido muitos “ontens” e em todas as culturas a poesia entrecruzada com sons e percussões primevas preexistiu a todas as literaturas, no início oralmente e depois na pedra e nos mais variados suportes, papiros e palimpsestos múltiplos. A actual *arte urbana* com seus *grafitti*, criada em contexto público com múltiplas instalações e materiais reutilizados, sempre a céu aberto, transporta uma longínqua evocação do impulso humano elementar para as inscrições e representações.

Tentando pensar no hoje da poesia, somos arrastados para o conceito de tempo e do devir. Surge-nos a magnífica obra *O Arco e a Lira* de Octavio Paz (1956), uma via ímpar para a reflexão acerca da poesia. O autor vai buscar o conceito de tempo ao pré-socrático Heráclito, que o entendia, num universo em tensão, como um perpétuo devir, um contínuo fluir de tensões que se opunham, coincidentes embora nessa guerrilha perene. Daí a origem do título perfilhado por Paz, na ideia heraclitiana de nomear duas espécies de tensões opostas: a da corda de um arco, que pertence à actividade da caça ou da guerra, e a da corda da lira, que se destina à poesia, à música, ao convívio encantatório das artes.

A superação desse conflito de tensões atinge-se, segundo o autor de *O Arco e a Lira*, na poesia, um equilíbrio sem repouso que permite a coincidência dos opostos. Coincidência que foi e continuará a ser sempre litigiosa.

Acercando-nos da contemporaneidade, sabemos como as primeiras décadas do século XX introduziram o Modernismo em Portugal e a sua sedução pela velocidade, pelo *forte espasmo retido dos mecanismos em fúria*,² por influência do futurismo italiano. Não se pode negar que esta foi porventura uma forma de resistência aos cânones novecentistas de que o *Manifesto Anti-Dantas* de Almada Negreiros é um curioso testemunho. As duas guerras mundiais, com as devastadoras consequências socioeconómicas que se lhes seguiram, empurraram para longe os ardores bélicos e a sedução da técnica, que podia ser horrenda como a dos fornos crematórios do nazismo, da aviação “kamikaze” ou de intervenções bárbaras como em Hiroshima ou Nagasaki. Na escrita poética europeia do pós-guerra são visíveis a sombra do arame farpado e a precária condição humana. Sucessivamente, o *engagement* ou a poesia comprometida era inevitável e igualmente o movimento neo-realista. Essa linguagem mais literal levou posteriormente, na década de 60, com a *Poesia 61*, a uma nova resistência, privilegiando um certo experimentalismo morfológico e semântico e outras desconstruções que permitiam diluir o sujeito lírico. A partir dos anos 70, a subjectividade e a emocionalidade ressurgem (mas já imbuídas da “dessubjectivação” pessoana) com o conhecido “regresso ao real” de Joaquim Manuel Magalhães, que evidentemente era um real desencantado e desperto para todas as fealdades, atrocidades e mercantilismos torpes. Cabe aqui nos anos 70 uma alusão ao processo das *3 Marias* (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa), que levou à barra do tribunal as autoras das *Novas Cartas Portuguesas*. Outros nomes femininos se foram, então, afirmando, como Natália Correia, Luiza Neto Jorge, Sophia Andresen, Ana Hatherly, não sendo muito difícil enquadrá-las numa atitude de “resistência”, por diversos motivos, não sendo o menor a procura de uma voz própria e intensa. Posteriormente, temos o caso de Adília Lopes, desconstruindo a auréola sublime do poético, reconstruindo pela aparente *naïveté* dos seus poemas todo um mundo de lugares-comuns. Certamente mais uma “resistente”.

Suponho que todos os grandes poetas foram, segundo a sua época, uns resistentes ao senso comum, à banalidade, à bruteza, à ignorância, ao desafecto, aos diversos poderes instituídos, desde Camões a Cesário, Pessanha a Pessoa, Jorge de Sena a Sophia, para citar só meia dúzia da minha predilecção. A poesia é um contrapoder. Os poetas usam *uma camisa de vento ao contrário do esqueleto*,³ como escreveu Natália Correia. Embriagam-se de polissemia, perfilham a agramaticalidade, sabotam o lugar-comum. Olham sempre de outra maneira.

2. A chama elíptica do verso

*Não colhia no tecido / contínuo das páginas de um romance / a chama elíptica do verso. Conseguia / verter quinhentas páginas de lenta prosa / num poema em que corpos e almas desencontrados / nos tempos e lugares feridamente / continham toda a vida das palavras / em que persistia.*⁴

Regresso a *O Jogo das Comparações*, neste segundo poema onde refiro o convencimento de que a poesia, devido à sua vocação elíptica, ao seu dizer muito em pouco espaço, é certamente mais apropriada para quem privilegia a brevidade. Além de que um livro de poesia se pode interromper sem perder fios narrativos, pois um poema é frequentemente uma unidade em si, embora traga ramificações dos que o antecedem.

Quanto à mercantilização da Arte, literatura incluída, aos chamados “poderes paroquiais”, mais ou menos lobistas, que influenciam os media, os concursos literários, etc., são entorses e peripécias de qualquer esconso mundo que não merece delongas de análise. É certo que as editoras ditas comerciais têm de subsistir com lucro e, como há a estafada verdade de que a poesia não vende, esta fica cada vez mais no âmbito das editoras independentes, que acabam por fazer o meritório trabalho de editar poetas que não são jornalistas nem amigos de jornalistas, nem membros do Partido a ou b, nem académicos reputados, mas apenas autores de textos poéticos que merecem ser lidos.

Creio que quanto mais mercantilista está o mundo, quanto mais as autocracias e as inconsciências ambientais flagelarem as comunidades humanas, mais o *ver de outra maneira*, mais a busca de renovados sentidos se imporá às novas gerações, não sei propriamente em que suporte, embora tenha muito apego ao objecto livro, para mim uma espécie de quinto elemento a seguir aos quatro conhecidos. Na sua condição de contrapoder, nunca a poesia poderá pensar em qualquer Secretaria de Estado que defenda e patrocine a precariedade da sua recepção, pois que é próprio das instituições protectoras ignorarem o dissídio e a diferença. Nesta fase temível que atravessa os continentes, lembrando vagamente o Apocalipse, com fomes, pestes e guerras, ficamos com aquele conhecido poema da nossa Luiza Neto Jorge: *O poema ensina a cair / sobre os vários solos / desde perder o chão repentino sob os pés / como se perde os sentidos numa / queda de amor, ao encontro / do cabo onde a terra abate e / a fecunda ausência excede // até à queda vinda / da lenta volúpia de cair, / quando a face atinge o solo / numa curva delgada subtil / uma vénia a ninguém de especial / ou especialmente a nós uma homenagem / póstuma.*⁵

NOTAS

* Inês Lourenço nasceu no Porto, onde reside e se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses) na FLUP. Publicou desde 1980 cerca de 15 títulos de poesia e dois de micro-ficção. Colaborou e foi incluída em numerosas antologias e livros colectivos. Poemas seus foram publicados em jornais de referência, revistas literárias e edições de outros países como o Brasil, Espanha, França, Itália, Áustria, Roménia, México. Em 2019, foi publicada no Brasil a antologia *Os Pecados Predilectos* celebrando a sua poesia. Fundou os cadernos de poesia *Hífen* (1987/1999), com 13 números editados.

¹ Inês Lourenço, “Perguntas”, *O Jogo das Comparações*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2016, p. 43.

² Cf. “Ode Triunfal”, de Álvaro de Campos.

³ Natália Correia, “A Defesa do Poeta”, *Poesia Completa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 330 e ss.

⁴ Inês Lourenço, “Verso – Diverso”, *O Jogo das Comparações*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2016, p. 19.

⁵ Luiza Neto Jorge, “O Poema Ensina a Cair”, *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993, p. 141.

.